

# *Flagrantes da Guiné-Bissau em um texto da literatura infanto-juvenil brasileira*

Giselle Rodrigues Ribeiro<sup>1</sup>

## **Resumo**

Nesta resenha apresentamos o livro *Cartas entre Marias: Uma viagem à Guiné-Bissau*, de Virgínia Maria Yunes e Maria Isabel Leite, publicado pela editora brasileira Evoluir Cultural em 2009. Prestes a completar uma década, o livro ainda é pouco conhecido pelos interessados em publicações que conjugam narrativas verbais e fotográficas e, particularmente, pelos que ambicionam conhecer algo do cotidiano dos que vivem na Guiné-Bissau. Concluimos que o livro se orienta por uma perspectiva que evita a estereotipação, partindo, ao invés disso, de elementos do cotidiano para proporcionar ao leitor vislumbres de singularidades guineenses e de características que conectam a Guiné-Bissau ao Brasil.

## **Palavras-chave**

Guiné-Bissau; hermenêutica do cotidiano; migrações; zona rural.

Manuscrito submetido a 15 de março de 2018

Aceite a 22 de abril de 2019



Política de Privacidade  
CC-BY-NC | Open Access  
Creative Commons

---

<sup>1</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia (UNILAB) | gisellerribeiro@unilab.edu.br.

# *Ritratus di Guine-Bisau na un storia ku brazilerus ta konta mininus<sup>2</sup>*

Giselle Rodrigues Ribeiro

## **Rusumu**

Na es testu no papia di libru ku tchomadu *Cartas entre Marias: Uma viagem à Guiné-Bissau* ku skirbidu pa Virgínia Maria Yunes ku Maria Isabel Leite. Es libru tiradu pa editora brazileru Evoluir Cultural na 2009. I ten dja kuas des anu ku es libru sai, ma i ka kunsidu pa kilis ku ta gosta di storia ku ta kontadu na boka ku storia ku ta kontadu pa fatus, nin pa kilis ku tene ambison di kungsi vida di kada dia di djintis ku ta vivi na Guine-Bisau. Libru ta misti konta storia di utru manera, i ta mostra vida di kada dia di Guine-Bisau, kusas uniku di es tera ku kusas ku ta ligal ku Brazil.

## **Nomi-tchabi**

Guine-Bisau; analis di nomis ku ta uzadu na vida di kada dia; ianda mundu; tabankas.

---

<sup>2</sup> Nota de edição: A ortografia do kriol segue o modelo proposto em Scantamburlo, L., *Dicionário do Guineense*, Vol. 2 (FASPEBI, Bubaque, 2002) e em Scantamburlo, L., *O Léxico do Crioulo Guineense e as suas Relações com o Português* (Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013).

Por iniciativa da editora Evoluir Cultural, os leitores brasileiros tiveram a chance de se aproximar, em 2009, de um país africano que, assim como o Brasil, tem sua história marcada por um processo de colonização imposto por portugueses. Falamos da Guiné-Bissau e, especificamente, de uma aproximação que pôde se dar via leitura, tendo em vista o lançamento do livro *Cartas entre Marias: Uma viagem à Guiné-Bissau*, produzido por Virgínia Maria Yunes e Maria Isabel Leite.

As autoras – Virgínia, argentina, e Maria Isabel, brasileira – se conheceram no espaço universitário, atuando como professoras. Partindo deste encontro e da discordância comum com a forma como a África costuma ser abordada nos livros didáticos brasileiros, produziram um livro que pretende contribuir para a desconstrução de estereótipos, aparentemente tendo clareza do quanto o imaginário brasileiro se vê contaminado por informações majoritariamente do campo econômico, que enfatizam carências de países do continente, enquanto deixam de lado componentes culturais, históricos e geográficos que facilitariam a instituição de um diálogo com e sobre a África e, quiçá, sobre características que tem em comum com o Brasil, em um movimento em que se pretenda suplantar os estigmas alimentados pelo senso comum (Leite<sup>3</sup> em entrevista a Francisco, s.d.).

*Cartas entre Marias: Uma viagem à Guiné-Bissau* é um livro híbrido em que os componentes que lhe dão sustentação se articulam, mas revelam autonomia. Texto verbal e fotografias, o primeiro produzido por Leite, o segundo por Yunes, nutrem a curiosidade daqueles que desejam saber mais sobre a Guiné-Bissau e se veem impedidos de fazê-lo ao vivo e a cores, dado os preços proibitivos das passagens aéreas que ligam o Brasil à terra de Okinka Pampa<sup>4</sup>, rainha do grupo étnico Bijagós que resistiu à colonização portuguesa.

<sup>3</sup> O entendimento de Leite sobre a existência de estereótipos no imaginário brasileiro no que tange a África é corroborado, por exemplo, pelos seguintes estudos: Felipe & Teruya (2009), Miller (2011), Oliva (2003, 2009), Ratts *et al.* (2006) e Vieira (2006).

<sup>4</sup> “Dizem que Okinka Pampa, uma mulher bela, pequena, inquieta, forte, enérgica, muito inteligente e com ‘cabeça’ (poderes sobrenaturais, ela ditou as normas do fanado), governou a ilha de Orango Grande e seus arredores desde o fim do século XIX ao princípio do XX. Contudo, a lembrança de sua gestão e de sua pessoa difere segundo as versões da população de cada ilha. Nas ilhas mais distantes de Orango, a Rainha Pampa foi uma mulher má, autoritária, exploradora e ditatorial, que tinha poderes excepcionais que faziam com que ‘tudo com que sonhava se tornasse realidade’ [...]. Narram que ela costumava realizar sacrifícios humanos de jovens (homens e mulheres) virgens, destinados a satisfazer aos irãs em troca de boas colheitas, ou também, quando falecia alguém muito importante. Todos deviam trabalhar para ela, mesmo que estivessem doentes, pois se se negassem, eram forçados a utilizar um cinto de pele de cabra com formigas que os picariam durante dias. Dividia a população segundo categorias em função do tipo e da dificuldade do trabalho que deveriam realizar [...]. Por outro lado, em Orango Grande ou nas ilhas próximas, a imagem desta rainha é totalmente diferente. Retratam-na como uma mulher boa, justa, generosa, valente, rica e inteligente, amante do seu povo ao qual protegeu dos abusos e barbaridades dos colonizadores



Figura 1 – Menina com lenço na cabeça.  
Fonte: Yunes & Leite (2009, p. 1)

---

portugueses de forma hábil e pacífica. Contam que ela enfrentou sozinha, na praia de Orango, soldados portugueses, aos quais propôs um pacto pela paz em troca de gado e de outras mercadorias. Foi muito amada pela população, à qual ajudava, quando requerido. Era hospitaleira e costumava pagar todos os gastos das cerimônias fúnebres (choros) de seus súditos. A Rainha Pampa foi uma mulher pacifista e, apesar de possuir um exército, decidiu pagar grandes impostos aos portugueses localizados na ilha de Bolama para evitar que os colonizadores cometessem abusos e escravizassem sua população. Na tabanca de Eticoga da ilha de Orango se encontra sua tumba, guardada, venerada e cuidada com esmero e reverência pela população desse lugar. Um informante da ilha de Orango Grande conta que, no funeral da Rainha Pampa, cobriram todo o seu corpo com ouro” (Gómez Suárez, 2017, pp. 16-17, tradução nossa).

As cores, a propósito, são um componente expressivo das fotografias tiradas por Yunes no tempo em que viveu na Guiné-Bissau, onde trabalhou inclusive como fotógrafa da UNICEF. Seus registros imagéticos apresentam pessoas de diversas faixas etárias, do sexo feminino e do sexo masculino, envolvidas com atividades do cotidiano, como estudar, pescar, preparar comida ou tocar música<sup>5</sup>. É ilustrativa do conjunto a Figura 1, que apresenta uma fotografia de que a editora se utilizou para produzir a capa da publicação, apresentada na Figura 2:

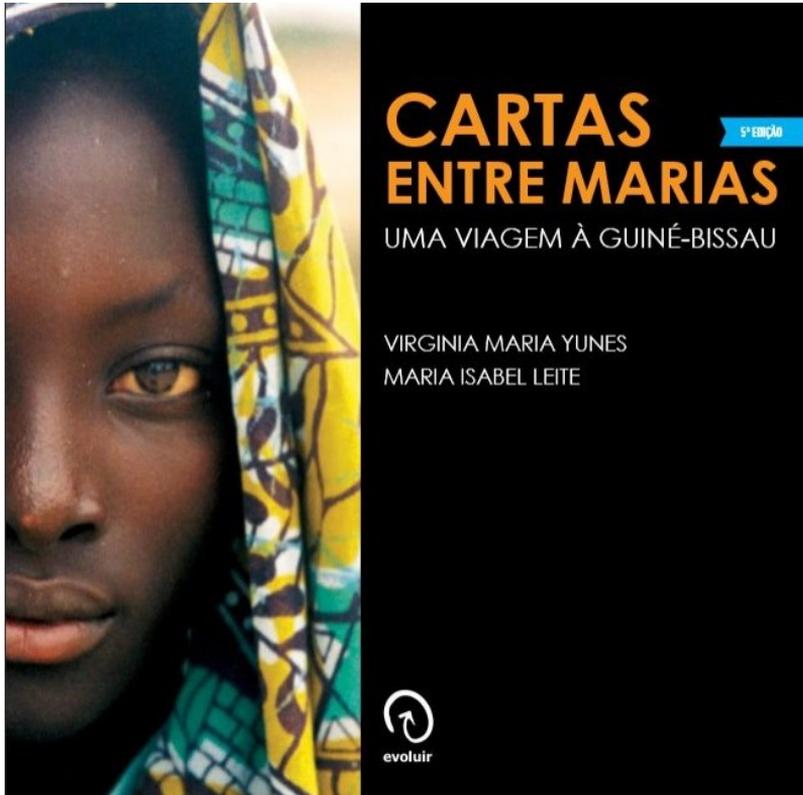


Figura 2 – Capa de publicação brasileira.  
Fonte: Yunes & Leite (2009, p. 1)

---

<sup>5</sup> Faz-se necessário referir que nem todas as fotografias que fazem parte de *Cartas entre Marias* foram tiradas na Guiné-Bissau segundo me informou Yunes, por e-mail, em 3 de maio de 2019. Tal é o caso das imagens presentes nas páginas 27, 29 e 30 do livro, que apresentam, respectivamente, um leão, elefantes e hipopótamos fotografados no Quênia, e da fotografia de girafas da página 43.

Não só os guineenses capturaram a atenção de Yunes. A natureza da Guiné-Bissau, imperiosa, também é retratada no livro. Da altivez de altas árvores que vicejam no interior, rodeando as aldeias (ver Figura 3), a animais, como macacos e bois (Yunes e Leite, 2019, p. 33 e p. 19, respectivamente). Já hipopótamos fotografados no Quênia são apresentados ao leitor (ver Figura 4) quando a protagonista de *Cartas entre Marias* compara os tipos de animais com que se deparava naquele momento

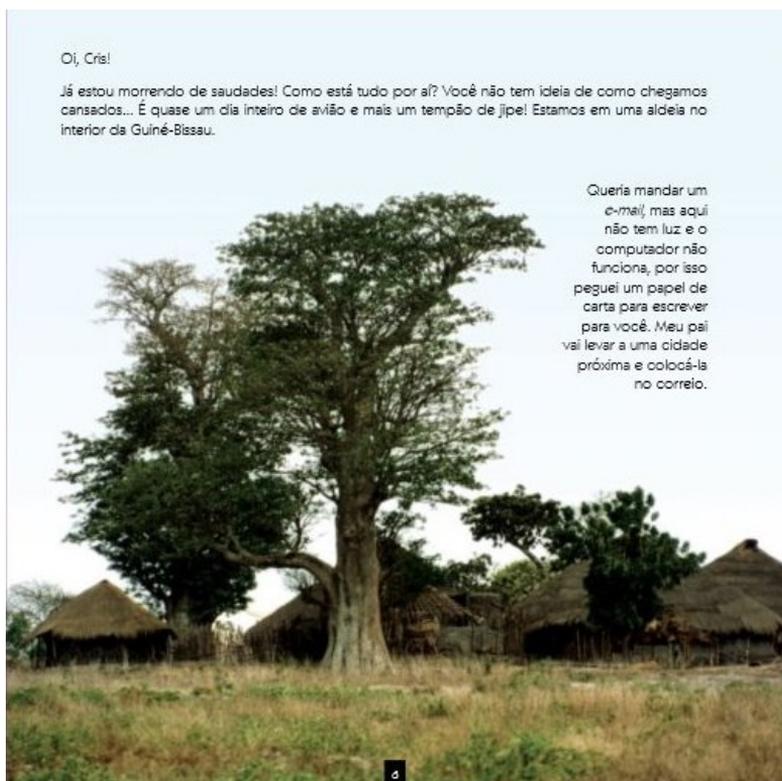


Figura 3 – Árvore em aldeia interiorana.  
Fonte: Yunes e Leite (2009, p. 4).

com os que viu em uma viagem para o Quênia, país da África Oriental. Os hipopótamos, que motivaram a comparação feita pela personagem, na Guiné-Bissau, fazem-se mais presentes no Sul do país, na região de Bolama, especialmente na ilha de Orango. E o enfoque neles tem relevância pedagógica, na medida em que no país se encontra uma das mais importantes comunidades marinhas desse animal, que merece ser conhecida e cuidada, em um esforço pela preservação da biodiversidade do planeta<sup>6</sup>.



Figura 4 – Hipopótamos.  
Fonte: Yunes e Leite (2009, p. 30).

---

<sup>6</sup> Trabalhos de conservação da espécie são conduzidos por entidades como a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), composta por organizações de governo e da sociedade civil, com membros guineenses ativos e satisfeitos com o sucesso de iniciativas instituídas (IUCN, 2009). O Banco Mundial, por sua vez, já financiou pelo menos um projeto voltado à conservação da biodiversidade na Guiné-Bissau. Em 2013, validou-se no bojo de um deles um plano de ação dirigido especificamente à população de hipopótamos do país, plano que passou a ser implementado em seguida (The World Bank, 2016).

Humanos em interação com a flora e a fauna guineenses também são flagrados. Destacamos, em particular, fotografias que poderão estimular nos leitores um ideal de integração gerador de riquezas no presente, constituindo-se, quiçá, em um elemento fundamental para o futuro das espécies envolvidas. Na Figura 5, por exemplo, uma senhora se aproveita de uma região alagada para cultivar arroz<sup>7</sup>, alimento essencial na dieta guineense; a foto foi tirada em Suzana, cidade situada ao norte da Guiné-Bissau. Já na Figura 6, identificamos uma criança interagindo com um animal nativo que não demonstra se sentir ameaçado, ao contrário. São esses lampejos da vida interiorana na Guiné-Bissau que nos conduzem a um processo de superação das imagens que moldam o senso comum brasileiro, acionado quando se trata de imaginar um país africano – senso raso<sup>8</sup>, não obstante a sanção da lei que incluiu a história da África e dos africanos no currículo oficial da rede de ensino no país já ter completado 15 anos<sup>9</sup>. Se os avanços foram poucos neste campo, isto se deve, dentre outras coisas, à falta de bibliografia de qualidade e acessível sobre o tema, que pudesse embasar o trabalho dos interessados e informar os alheios. O livro de Yunes e de Leite ajuda a preencher essa lacuna, incitando naqueles que o leem o estabelecimento de uma relação com a cultura de outro povo e o respeito à diversidade.

---

<sup>7</sup> O estudo de González *et al.* (2017) pode interessar aos que se importam com as interações estabelecidas entre hipopótamos e humanos. Os autores investigaram formas de resolver conflitos com cultivadores de arroz, decorrentes da destruição de suas plantações por hipopótamos que adentram áreas inundadas ou molhadas por chuva, regiões onde o cereal é cultivado.

<sup>8</sup> Recomendamos a leitura da reportagem *Quando cheguei, descobri o que era ser negra: Como africanos veem o preconceito no Brasil*, de Bella & Christ (2016). Seu título remete à declaração feita por Nádia Ferreira, guineense que vivia no Brasil há quinze anos quando foi entrevistada.

<sup>9</sup> Referimo-nos à Lei brasileira nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que “altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira” (2003). Essa lei foi ampliada pela Lei nº 11.645, de março de 2008, que mantém a inserção da temática História e Cultura Afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino brasileira, inovando ao tornar também obrigatória a inclusão da temática História e Cultura Indígena nesse currículo (2008). Ambas as leis foram assinadas pelo presidente Luís Inácio da Silva.



Figura 5 – Idosa no arrozal.  
Fonte: Yunes e Leite (2009, p. 16).



Figura 6 – Criança e *saninhu*.  
Fonte: Yunes e Leite (2009, p. 32).

No plano do texto verbal do livro, existe um narrador em terceira pessoa a quem compete apenas apresentar as duas personagens em torno das quais a narrativa se desdobra. São elas adolescentes amigas, momentaneamente separadas geograficamente. Naná foi para a Guiné-Bissau: Seu pai viajava a trabalho e pôde levar a família consigo. Cris, por seu turno, no Brasil, deslocou-se da cidade ao campo, para visitar parentes enquanto a amiga conhecia a nação do oeste africano.

Quando o narrador sai de cena, a correspondência trocada entre as duas jovens vem ao primeiro plano. Por meio dela, uma atualiza a outra sobre aquilo que está vivendo, processo por meio do qual as duas trocam informações sobre a Guiné-Bissau. Naná, vai descobrindo o país *in loco*; Cris, por meio das cartas da amiga e por meio de pesquisas que faz na internet. A conversa processada por meio de uma troca de cartas revela a disposição das duas para se inteirar sobre características de um país e de um povo que elas desconhecem, como também a disposição de deixar a comunicação eletrônica de lado.

O diálogo das duas contempla temas dos mais variados: As línguas faladas na Guiné-Bissau, para além do português; a organização do espaço neste país, pensando-se na estruturação de moradias, de escolas e de pontos de vendas de produtos alimentícios, inclusive considerando a dimensão arquitetônica de lugares; a alimentação dos guineenses, tendo em conta os processos de cultivo, de compra e de preparo de alimentos; o trabalho, com primazia para a rotina de mulheres e de crianças – no caso das crianças, atenta-se também às brincadeiras com que se envolvem; o relacionamento existente entre pessoas de diferentes faixas etárias e, inclusive, a ocorrência de uma guerra no país; a estética local, particularizando-se a caracterização de cortes de cabelo, de penteados e do vestuário guineense; costumes, alusivos à poligamia, à realização de rituais que demarcam etapas da vida humana, e à ocorrência de festejos; as artes, especialmente a dança, a música e os resultados dos processos de esculpir e de tecer; e finalmente, as tecnologias que atravessam a vida cotidiana, favorecendo ou não a comunicação entre os indivíduos, o processamento de alimentos, e a confecção de instrumentos musicais, por exemplo.

No que tange às vidas de Naná e de Cris, para além de nos inteirarmos da curiosidade que lhes molda o intelecto, conhecemos de forma restrita elementos que dizem respeito à vida afetiva das duas, considerando-se, no caso, seus relacionamentos intrafamiliares e a paquera de uma delas. Atentas ao estabelecimento de pontes, as meninas também conseguem relacionar experiências de guineenses do campo com a de quilombolas brasileiros.

Aproveitamos para enfatizar que *Cartas entre Marias* aponta para um fenômeno que está dando tônus ao século 21: as migrações. No âmago da questão, está o pai de Naná, já que seus deslocamentos se condicionam ao trabalho que ele desenvolve como pesquisador. Sua atuação na Guiné-Bissau é provisória e o texto não deixa dúvi-

das de que, uma vez concluída aquela etapa de seu trabalho, ele deverá se deslocar para outro país, a fim de dar continuidade a suas investigações, quiçá com a família o acompanhando. Seu núcleo põe em evidência, portanto, a migração internacional.

Pensar em migração, envolve considerar um deslocamento que impõe a mudança do local de residência dos envolvidos e um atravessamento de fronteira(s) (Golgher, 2004). Naná e sua família tornam-se migrantes internacionais porque o grupo se mudou do Brasil para a Guiné-Bissau, ou seja, de um país para outro. Como tal, eles passam a gozar do estatuto de imigrantes no país de destino (Golgher, 2004). Para Davis (2018, como citado em Mineo, 2018), os direitos desse grupo – os imigrantes – constitui a maior questão de direitos civis do século 21. No que diz respeito à família de Naná, é graças a essa mudança<sup>10</sup> que ela consegue garantir seu próprio sustento, para além de entrar em contato com novos conhecimentos e experiências de vida.

Ao focar elementos do cotidiano, o livro produzido por Yunes e por Leite envolve-se com um componente da vida humana multifacetado, mas constantemente secundarizado, porque nossas práticas e gestos de todos os dias são considerados banais quando cotejados com atividades desenvolvidas por integrantes das elites financeira, cultural e intelectual, instâncias que protagonizam (n)os registros históricos. Aquilo que a experiência vivida apresenta de transformador, inclusive como resultado de improvisos construídos enquanto exercemos atividades informais, aderindo à “liberdade do contingencial” (Dias, 1998, p. 243), acaba sendo flagrado apenas por aqueles que se empenham em realizar uma hermenêutica do cotidiano, no processo atendo-se ao comum e ao particular e reconhecendo que a ideia de universalidade “resulta de um enquadramento ideológico hegemônico” (Ribeiro, 2015, p. 23), que os temas que abarca, quaisquer que sejam, “têm uma historicidade bem definida, cabendo, assim, relativizá-los no tempo” (p. 23). São esses que aderem a uma ideia de verdade cambiante, alicerçada comportando “uma diversidade de significados” (p. 22) forjados por grupos socioculturais vários, que devem ser colocados em relação de forma não dicotômica. Afinal, trata-se de conciliar diferenças e de promover a interação delas, pautando-se por um “julgamento não-hierarquizador dos fenômenos sociais, sejam eles cotidianos ou não”, para que, assim, abramos espaço para uma “proliferação de conjunturas” distinguidas “pelo respeito à equidade social” (p. 48).

---

<sup>10</sup> A mudança condicionada pelo trabalho e seu caráter consecutivo, ou seja, a realização de mudanças em sequência, aproximam a família de Naná daqueles que se submetem a movimentos pendulares internos a aglomerações urbanas de um determinado país, percorrendo uma distância considerável, todos os dias, para atender ao(s) propósito(s) de estudar e/ou de trabalhar em região circunvizinha. A dinâmica da família altera-se apenas em escala, já que envolve deslocamentos internacionais e uma permanência provisória em cada lugar de passagem. Sobre deslocamentos internos e pendulares ver Moura *et al.* (2005) e Oliveira & Brumes (2015).

Podemos dizer, portanto, que é a tal hermenêutica que se lançam Yunes e Leite quando se ocupam em representar a diversidade de vidas de pessoas comuns, diversas, mas em alguns momentos afinadas. E assim, potencializam reflexões capazes de fomentar o conhecimento e a revisão de culturas que guineenses e brasileiros tecem no dia a dia. É por isso, em particular, que recomendamos *Cartas entre Marias*<sup>11</sup> aos interessados em nações que têm a língua portuguesa como língua oficial – caso do Brasil, país de origem da protagonista do livro, e da Guiné-Bissau, nação que retém a atenção da personagem em questão. Ressaltamos ainda que, se o texto verbal produzido por Leite apela ao público infanto-juvenil, as imagens registradas por Yunes atingem um público mais vasto<sup>12</sup>, não enquadrado em termos etários. Aprendizes da língua portuguesa como segunda língua e como língua de herança, por exemplo, tirarão proveito desta publicação no processo de ampliação de seu repertório cultural, aprendendo sobre um país africano com quem o Brasil, e não só, guarda afinidades<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Em 2013, a Evoluir Cultural disponibilizou *Cartas entre Marias* na íntegra na internet. Para poder lê-lo, no momento em que escrevemos este texto, basta acessar o link <https://issuu.com/evoluir/docs/cartas-entre-marias> (Acesso em 5 abril de 2019).

<sup>12</sup> Leitores de *Cartas entre Marias* poderão se interessar pelo conto *Sonéá*, de Odete Semedo (2000), que dialoga tanto com subtemas que o livro de Yunes e Leite suscita como preserva algo de sua estrutura verbovisual. A protagonista criada por Semedo é uma mulher que rememora sua migração forçada para o interior da Guiné-Bissau, quando criança. Nessa época, ela estabeleceu, por meio de cartas, um diálogo com as amigas que deixou no espaço urbano. A natureza do território em que passa a viver pauta algumas de suas reflexões. No conto, em lugar de uma conversa amena sobre a paquera adolescente, assoma uma discussão sobre o casamento infantil orientado e moldado por convicções religiosas ou talvez, devamos dizer, pela tradição. E se estabelece uma polarização entre cidade e campo, com a zona urbana sendo abertamente depreciada pelos que vivem na zona rural. Quatro ilustrações em preto e branco se entremeiam à narrativa verbal, resultando em uma produção que é, materialmente, pouco acessível para os que estão fora do mercado editorial guineense ou do meio acadêmico. Aos que forem ler os dois textos, lançamos o desafio de mapear facetas guineenses filtradas por olhos femininos e multinacionais.

<sup>13</sup> Sobre afinidades existentes entre Brasil e Guiné-Bissau, ver Lobo (2014) e Silva *et al.* (2014).

## Referências bibliográficas

- Bella, G. D., & Christ, G. (2016, 20 de novembro). ‘Quando cheguei, descobri o que era ser negra’: Como africanos veem o preconceito no Brasil. *BBC News Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38034668> (Acesso em 4 de abril de 2019).
- Dias, M. O. S. (1998). Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. *Projeto História*, 17, pp. 223-258. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11148>
- Felipe, D. A., & Teruya, T. T. (2009). Nota sobre as políticas em prol do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação escolar. *VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/\\_files/WDQrOuK.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/WDQrOuK.pdf)
- Francisco, W. C. (s.d.). *O Dia Nacional da Consciência Negra e o livro “Cartas entre Marias”*. Equipe Brasil Escola. Disponível em: <http://brasileSCO.la/e2103> (Acesso em 13 de maio de 2018).
- Golgher, A. B. (2004). *Fundamentos da migração*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20231.pdf>
- Gómez Suárez, A. (2017). Reflexiones sobre el “matriarcado” bijagó en Guinea-Bissau: Un ejemplo de orden sociosexual igualitario. *Contra Relatos desde el Sur*, 16, pp. 5-21.
- González, L. M., Montoto, F. G. D., Mereck, T., Alves, J., Pereira, J., Larrinoa, P. F., Maroto, A., Bolonio, L., & El-Kadhir, N. (2017). Preventing crop raiding by the vulnerable common hippopotamus *Hippopotamus amphibius* in Guinea-Bissau. *Oryx*, 51(2), 222-229.
- IUCN (International Union for Conservation of Nature). (2009, 29 de janeiro). *Guinea Bissau sets the mark for integration*. Disponível em: <http://www.iucn.org/content/guinea-bissau-sets-mark-integration> (Acesso em 5 de abril de 2019).
- Lei nº 11.645, de 10 de março. (2008). Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília, Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm) (Acesso em 5 de abril de 2011).
- Lei nº 10.639, de 9 de janeiro. (2003). Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. Brasília, Brasil. Disponível em:

- [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm) (Acesso em 5 de abril de 2011).
- Lobo, V. (2014). Brasil e Guiné-Bissau: Possíveis afinidades históricas numa modernidade periférica. *Estudos de Sociologia* 2(20), publicação online. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235555/28522>
- Lusa. (2014, 09 de junho). *Abate de florestas na Guiné-Bissau está a afastar elefantes das rotas de migração*. Rádio e Televisão de Portugal. Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/mundo/abate-de-florestas-na-guine-bissau-esta-aafastar-elefantes-das-rotas-de-migracao\\_n743785](http://www.rtp.pt/noticias/mundo/abate-de-florestas-na-guine-bissau-esta-aafastar-elefantes-das-rotas-de-migracao_n743785) (Acesso em 7 de maio de 2019).
- Miller, J. C. (2011). Restauração, reinvenção e recordação: Recuperando identidades sob a escravização na África e face à escravidão no Brasil. *Revista de História*, 164, pp. 17-64.
- Mineo, L. (2018). People everywhere are on the move. *The Harvard Gazette*. Disponível em: <https://news.harvard.edu/gazette/story/2018/04/angela-davis-speaks-on-immigration-at-harvard/> (Acesso em 5 de abril de 2019).
- Moura, R., Castello Branco, M. L. G., & Firkowski, O. L. C. F. (2005). Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. *São Paulo em Perspectiva*, 19(4), 121-133.
- Oliva, A. R. (2003). A História da África nos bancos escolares: Representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos Afro-Asiáticos*, 25(3), 421-461.
- Oliva, A. R. (2009). A África não está em nós: A história africana no imaginário de estudantes do Recôncavo Baiano. *Fronteiras*, 11(20), 73-91.
- Oliveira, T. S., & Brumes, K. R. (2015). Migrações e movimentos pendulares em cidades pequenas: Uma análise da atração populacional para o município de Jandaia do Sul (PR). *Revista Produção Acadêmica*, 2, pp. 52-65.
- Ratts, A. J. P., Rodrigues A. P. C., Vilela, B. P., & Cirqueira, D. M. (2006). Representações da África e da população negra nos livros didáticos de Geografia. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, 8/9(1), 45-59.
- Ribeiro, G. R. (2015). *Flagrantes de cotidianos periféricos na literatura contemporânea de Brasil e Cabo Verde*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Disponível em: [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-15122015-135627/publico/2015\\_GiselleRodriguesRibeiro\\_VCorr.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-15122015-135627/publico/2015_GiselleRodriguesRibeiro_VCorr.pdf)
- Semedo, O. C. (2000). *Sonéa: Histórias e passadas que ouvi contar*. Bissau: INEP.
- Silva, H. P., Serra-Freire, J., & Hage, S. M. (2014). Guiné Bissau e Brasil, separados por um oceano, unidos pela história. Saúde, educação e meio ambiente, o que lhes reserva o futuro? Em: M. M. Campelo, R. J. de Jesus & Z. Amador de Deus (Orgs.). *Entre os rios e florestas da Amazônia. Perspectivas, memórias e narrativas*

*de negros em movimento: Subsídios para a Lei 10.639/03* (pp. 147-160). Belém: UFPA & GEAM.

The World Bank. (2016). *Implementation completion and results report on a grant in the amount of SDR 1.3 million (US\$1.95 million equivalent) to the Republic of Guinea-Bissau for a Biodiversity Conservation Project (BCP)*. Washington DC: The World Bank. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/en/100861481299660120/pdf/ICR00003837-12062016.pdf> (Acesso em 5 de abril de 2019).

Vieira, F. S. S. (2006). Do eurocentrismo ao afropessimismo: Reflexão sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil. *Rev. do Depto. de Serviço Social PUC-Rio*, 3, pp. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/2WLe2at> (Acesso em 5 de abril de 2019).

Yunes, V. M., & Leite, M. I. (2009). *Cartas entre Marias: Uma viagem à Guiné-Bissau*. São Paulo: Evoluir Cultural.